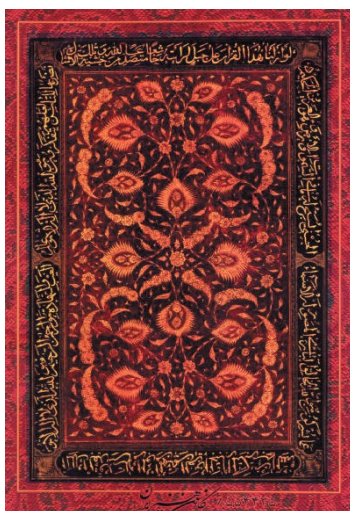


بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ



# Islam e o Imperativo Cultural

**UMA PUBLICAÇÃO DA FUNDAÇÃO NAWAWI  
POR DR. UMAR FARUQ ABD-ALLAH**

**D**urante séculos, a civilização islâmica harmonizou formas nativas de expressão cultural com padrões universais de sua lei sagrada. Da mesma forma, encontrou o equilíbrio entre a beleza temporária e a verdade eterna, e desfraldou uma esplêndida variedade de unidade na diversidade que se estendeu a partir do coração da China às margens do Atlântico. A jurisprudência islâmica contribuiu para esse gênio criativo. O Islam se mostrou culturalmente amigável e tolerante ao longo da história e, nesse sentido, tem sido comparado a um rio cristalino. Suas águas (o Islam) são puras, doces e revigorantes; mas, sem cor própria, refletem o leito (cultura nativa) sobre o qual fluem. Na China, o Islam adotou uma aparência chinesa, enquanto que no Mali, adotou um aspecto africano. Uma relevância cultural constante em povos distintos, lugares diversos e épocas diferentes formaram a



© 2006. Todos os direitos reservados.

base do longo sucesso do Islam como uma civilização universal. A religião não se tornou apenas funcional e familiar a nível local, mas também atraiu e estimulou dinamicamente a formação estável de identidades muçulmanas nativas e permitiu que os muçulmanos estabelecessem raízes profundas e fizessem contribuições duradouras onde quer que fossem.

Por outro lado, grande parte da retórica islamista<sup>1</sup> contemporânea se afasta bastante da antiga sabedoria cultural do Islam, às vezes adotando uma atitude culturalmente predatória. Tal retórica e os movimentos ideológicos que a apoiam têm sido profundamente influenciados pela dialética revolucionária ocidental e por uma recuperação e reinterpretação perigosamente seletivas das escrituras islâmicas. Ao mesmo tempo, porém, o fenômeno islamista é em grande parte um subproduto do deslocamento cultural grave e da disfunção do mundo muçulmano contemporâneo.

A cultura - seja islâmica ou qualquer outra - fornece a base para a estabilidade social, mas, paradoxalmente, ela própria só pode prosperar em sociedades estáveis e, inevitavelmente, acaba se desintegrando na confusão da ruptura e da turbulência sociais. Hoje, o mundo muçulmano conserva vestígios preciosos de seu antigo esplendor cultural, mas na confusão dos nossos tempos, a sabedoria do passado nem sempre é compreendida e muitas de suas regras estabelecidas e seus modelos culturais anteriores não parecem ser relevantes para os muçulmanos e nem parecem oferecer-

lhes soluções. Quando o leque da diversidade deixa de ser aberto, ele retém pouco de seu esplendor e plenitude do passado; e onde o rio cultural não secou completamente, suas águas raramente fluem de maneira cristalina.

Os seres humanos produzem cultura naturalmente como as aranhas tecem a seda, mas ao contrário das teias das aranhas, as culturas produzidas pelas pessoas nem sempre são adequadas, especialmente quando geradas de maneira inconsciente, em confusão, dentro de condições desfavoráveis ou sem direção adequada. Não é de surpreender que os imigrantes muçulmanos nos Estados Unidos continuem ligados às terras que deixaram para trás, mas raramente ou nunca tragam com eles o padrão completo das antes ricas culturas do passado, que - se tivessem permanecido intactas - teriam reduzido a sua motivação para emigrar, para começar. Os convertidos - majoritariamente afro-americanos - são muitas vezes alienados de suas raízes nacionais profundas e da sensibilidade cultural nativa por causa do impacto destrutivo de ideologias islâmicas culturalmente predatórias que vêm do exterior.

Mesmo assim, os muçulmanos na América vêm discretamente forjando suas próprias identidades culturais nas últimas décadas em torno de nossas mesquitas, escolas islâmicas, em casa e nos câmpus universitários<sup>2</sup>. Alguns desses desdobramentos são promissores. A nova geração de muçulmanos americanos produziu vários escritores, poetas, cantores de rap e comediantes excelentes. Fizemos

experiências com a vestimenta (vestidos especiais de denim, por exemplo) e cunhamos palavras (como *fun-damentalista*) que já fazem parte da nossa linguagem cotidiana. Os casamentos interculturais e inter-raciais têm aumentado e mostram que muitos muçulmanos americanos se consideram agora mais muçulmanos e americanos do que indianos, paquistaneses, sírios, egípcios, etc. De outras maneiras também, a nova geração dá sinais de maturidade cultural e está se conectando em níveis positivos, muitas vezes inimagináveis para seus pais. Muitos deles se sentem confortáveis com sua identidade americana e, ao mesmo tempo, cultivam um entendimento saudável de sua religião, orgulho do seu passado, conexão com o presente e uma visão positiva do futuro.

Mas, apesar de alguns sinais positivos, grande parte da criação cultural que vem ocorrendo nos últimos anos em torno de mesquitas, escolas, casas e câmpus universitários têm sido sem direção, confusa, inconsciente, ou, o que é ainda pior, subconscientemente forçada por medos irracionais resultantes da ignorância da cultura dominante e por uma compreensão superficial e sectária do Islam como uma religião de identidade contracultural<sup>3</sup>.

Os resultados - especialmente se misturados com a ideologia islamista culturalmente predatória - pode parecer mais um limbo cultural do que o produto de uma identidade muçulmana nativa próspera.

O desenvolvimento de uma identidade cultural muçulmana e americana forte deve ser empreendida

de maneira resoluta, como uma busca consciente e uma das principais prioridades da nossa comunidade. Este não é um problema que se resolverá por si só com o passar do tempo, nem podemos deixar que se desenvolva por conta própria. O Islam não só promove, mas também exige a criação de uma cultura islâmica nativa próspera nos Estados Unidos, e estabelece parâmetros bem definidos para sua formação e crescimento. Ao assumir este compromisso, devemos entender que nossas leis reveladas e nossa longa história como uma civilização mundial não constituem uma barreira neste processo, mas oferecem enormes recursos e grande flexibilidade.

### *O que é Cultura?*

Geralmente se identifica "cultura" com gosto refinado, ou "alta cultura", como as artes e humanidades. Neste sentido, Matthew Arnold falou de cultura como "o melhor que se conheceu e disse no mundo" e "a história do espírito humano." No entanto, cultura como conceito antropológico moderno e como utilizado neste trabalho, refere-se ao padrão integrado completo de comportamento humano e é infinitamente mais amplo do que apenas suas expressões mais elevadas.<sup>4</sup> Além do que é puramente instintivo e inato, a cultura governa tudo sobre nós e até molda nossos atos instintivos e inclinações naturais. É a cultura que nos torna verdadeiramente humanos, nos distinguindo dos animais, que muitas vezes mostram comportamentos aprendidos, mas não têm a nossa capacidade de criação e adaptação às novas formas culturais. O homem foi

definido como "o animal que fala", "o animal político", "o animal religioso", etc. Mas tanto a linguagem como a política, a religião e outras características essencialmente humanas são componentes fundamentais da cultura e, acima de tudo, o ser humano é um "animal cultural."

A cultura entrelaça tudo o que valorizamos e que precisamos saber - crenças, moralidade, expectativas, habilidades e conhecimento - dando-lhes uma expressão funcional ao integrá-las em uma série de padrões tradicionalmente eficazes. A cultura tem suas origens no mundo da expressão, da linguagem e dos símbolos. Mas também está relacionada com as atividades mais rotineiras de nossas atividades, tais como a vestimenta e a culinária, e vai muito além do mundano, incluindo a religião, a espiritualidade, e as dimensões mais profundas das nossas psiques. A cultura inclui aspectos fundamentais sociais como a produção de alimentos e distribuição de bens e serviços, a forma como gerimos os negócios, o sistema bancário e o comércio; o cultivo da ciência e da tecnologia, bem como todos os ramos do aprendizado, do saber e do pensamento. A vida em família e os costumes que cercam o nascimento, o casamento e a morte vêm à mente como elementos culturais óbvios, mas o mesmo vale para as relações entre os gêneros, os hábitos sociais, as habilidades para lidar com as circunstâncias da vida, a tolerância e a cooperação - ou a falta delas, e inclui superestruturas sociais, como organização política. Uma democracia funcional, por exemplo, é tanto o

resultado de valores culturais particulares e hábitos cívicos, como produto de constituições ou órgãos administrativos. Em nossas mesquitas, escolas e casas, muitos dos problemas diários são exemplos claros da dissonância e da confusão culturais. Geralmente têm pouco a ver com o Islam *per se*, e muito a ver com o choque de atitudes e expectativas do velho mundo - geralmente autoritárias e patriarcais -, com as complexidades, realidades e necessidades bem diferentes de nossa sociedade atual.

Um parâmetro chave para avaliar a cultura é a sua capacidade de transmitir um sentido unificado do indivíduo e da comunidade e padrões de comportamento consistentes e bem coesos. Uma cultura tem "sucesso" quando transmite uma identidade operacional, produz coesão social e dota os seus membros de conhecimento e habilidades sociais que lhes permitem atender com eficácia<sup>5</sup> suas necessidades individuais e sociais. A identidade e a coesão social são produtos fundamentais da cultura. Comunidade e autodeterminação também contribuem para a concretização de uma cultura "bem-sucedida". Na ausência de uma cultura islâmica americana integrada e dinâmica, falar sobre nós mesmos como uma verdadeira comunidade - apesar de nosso imenso talento individual e do grande e crescente número de muçulmanos - ou de podermos um dia ser capazes de desempenhar um papel efetivo na vida social ou política, é pouco mais do que retórico e ilusório.

Ao definir limites claros do indivíduo e fornecer uma ideia firme e

unificada da identidade, uma cultura islâmica norte-americana forte permitiria uma participação mais dinâmica entre nós mesmos e com o mundo que nos rodeia. Também cultivaria a habilidade de lidar com realidades sociais complexas e negociar de forma produtiva os papéis que a vida na sociedade moderna nos obriga a desempenhar, ao mesmo tempo, sustentando um senso unificado, digno e seguro do que somos e um compromisso consistente com os valores que defendemos. As pessoas podem se arrepende de regras não cumpridas, mas não de psiques fragmentados. A criação de uma psique muçulmana sólida nos Estados Unidos está sujeita à criação de uma cultura nativa próspera e bem integrada. Uma psique bem integrada e um senso unificado de identidade farão da religiosidade islâmica, da verdadeira espiritualidade e da perfeição moral autênticas, uma possibilidade normativa no contexto americano.

### *O Respeito por Outras Culturas: uma Sunnah Profética Suprema*

O Profeta Muhammad e seus companheiros não estavam em conflito com outros grupos étnicos e culturas do mundo, mas mantiveram uma perspectiva honesta, flexível e geralmente positiva da ampla provisão social de outros povos e lugares. O Profeta e seus companheiros não concebiam a cultura humana em termos de polos opostos, nem tampouco faziam uma divisão drástica das sociedades humanas nas áreas do bem e do mal absolutos. O Islam não se impôs

- nem entre os árabes nem entre os não-árabes - como uma visão de mundo culturalmente predatória e estrangeira. Em vez disso, a mensagem profética foi baseada, desde o início, na distinção entre o bem, o benéfico e o autenticamente humano nas outras culturas, ao mesmo tempo em que buscava alterar somente o claramente prejudicial. A lei profética não destruiu e nem eliminou a distinção sobre os outros povos, mas tentou polir, cultivar e nutrir, criando assim uma síntese islâmica positiva.

Muito do que se tornaria a *Sunna* do Profeta (modelo profético) foi composto de normas culturais árabes pré-islâmicas e o princípio de tolerar e flexibilizar essas práticas - tanto entre os árabes como entre os não-árabes em toda a sua diversidade - pode ser considerado como uma *Sunna* essencial e suprema do Profeta. Neste sentido, o famoso jurista medieval Abu Yusuf, compreendeu o reconhecimento de normas culturais locais positivas como uma das marcas da *Sunna*. O jurista de Granada do século XV, Ibn al-Mawaq, fez uma abordagem semelhante ao destacar, por exemplo, que os códigos de vestimenta do Profeta não pretendiam se impor sobre a integridade cultural dos muçulmanos não-árabes, que eram livres para desenvolver ou manter as suas próprias vestimentas dentro dos parâmetros gerais da lei sagrada.<sup>6</sup>

O Alcorão ordenou ao Profeta Muhammad aderir às boas práticas e costumes dos povos e tomá-los como referências fundamentais na legislação: "Toma-te, Muhammad de indulgência e ordena o que é conveniente e dá de

ombros aos ignorantes".<sup>7</sup> Ibn Atiyya, um renomado jurista medieval andaluz e comentarista do Alcorão, afirmou que este versículo não só defendia a inviolabilidade da cultura nativa, mas concedia validade plena a tudo o que o coração do homem considerasse coerente e benéfico, desde que não seja claramente rejeitada pela lei revelada. Para os juristas islâmicos clássicos em geral, este versículo é muitas vezes citado como evidência da aceitação das práticas culturais positivas, e destacou-se que o que as pessoas geralmente consideram apropriado tende a ser compatível com a sua natureza e seu ambiente, servindo assim suas necessidades básicas e aspirações legítimas.

A história dos "filhos de Arfida", uma referência linguística árabe familiar aos etíopes, fornece uma ilustração clara do lugar ocupado pela cultura (aqui, é claro, a cultura africana negra) na complacência do Profeta. Em celebração de uma festa religiosa islâmica, um grupo de convertidos negros africanos começou a tocar seus tambores de couro e a dançar com as suas lanças dentro da mesquita do Profeta. Umar ibn al-Khattab, um dos principais companheiros do Profeta, se viu obrigado a interferir e a fazê-los parar, mas o Profeta interveio em defesa deles, ordenando a Umar que os deixasse e advertindo-o de que se tratava dos "filhos de Arfida", não de seu povo. O Profeta convidou sua esposa Aisha para contemplar a dança, a dirigiu para a multidão e a elevou nos seus ombros de modo que, quando ela se inclinava e pressionava sua bochecha contra a do Profeta, podia ver

claramente. O Profeta procurou dissipar os temores dos etíopes pela intrusão de Umar e os encorajou a continuar a dançar e, conforme relatado em uma das versões desta história verídica, ele os tranquilizou para que prosseguissem com os seus ritmos e dança, dizendo: "Ajam como sabem, filhos de Arfida, para que os judeus e os cristãos saibam que a nossa religião é flexível".<sup>8</sup>

A intervenção do Profeta para conter Umar deixou claro que os etíopes não seriam julgados de acordo com a condição árabe de Umar, nem seriam forçados a se adaptarem a ela. Os "filhos de Arfida" tinham seus próprios gostos culturais e usos convencionais. O fato de terem abraçado o Islam não significava que seriam obrigados a renunciar à sua cultura ou se sujeitar aos costumes árabes. O Profeta permitiu aos muçulmanos árabes expressarem socialmente a sua própria maneira e estendeu este direito a todos os não-árabes. Pela sua afirmação dos "filhos de Arfida", o Profeta estabeleceu uma *Sunna* fundamental e um precedente jurídico duradouro para o respeito das diferentes tradições étnicas e culturais, bem como para o reconhecimento das necessidades emocionais, dos gostos e das preferências culturais de todos aqueles que abraçaram seus ensinamentos.

O Profeta cultivou a receptividade e a objetividade para com os outros - que também foi parte de sua lição a Umar, e foi esta receptividade que permitiu aos seus companheiros reconhecer o lado positivo em outras culturas, mesmo quando eram não apenas hostis a ascensão do poder

islâmico, mas também, como foi o caso dos cristãos bizantinos (*al-Rum*), eram o inimigo mais formidável do Islam. Quando disseram a Amr ibn al-As, um companheiro do Profeta e comandante vitorioso nas guerras bizantinas, que o Profeta havia predito que *al-Rum* (especificamente os bizantinos, embora, neste contexto, entenda-se que seja uma referência geral aos europeus) predominariam no final dos tempos, Amr respondeu ao seu informante:

“Se você foi honesto com o que acabou de me dizer, deve saber, então, que eles têm quatro excelentes qualidades: são os mais pacientes em tempos de discórdia; os mais rápidos em se recuperarem das calamidades; os mais capazes de reiniciar seus ataques após a retirada e, finalmente, são os mais gentis com os pobres, os órfãos e os fracos. Amr então acrescentou: e possuem um quinto atributo que é belo e bom: são os melhores em conter a opressão de seus reis.”<sup>9</sup>

Amr chamou a atenção para as características culturais europeias que ele conhecia e considerava compatíveis com o ethos do Islam, e desejáveis universalmente como qualidades humanas. Esta resposta demonstra seu entendimento de que a futura proeminência ocidental resultaria de suas extraordinárias qualidades culturais, as que a sua mente começou a buscar, logo que ouviu a profecia do Profeta. Quatro vieram de imediato à sua mente; mas a quinta ("eles são os melhores em conter a opressão de seus reis"), foi uma reflexão posterior, mas foi claramente considerada como a mais importante (a qualifica como

"bela e excelente").

### *O Imperativo Cultural no Direito Islâmico Clássico*

A lei islâmica clássica não falava de cultura *per se*, uma vez que este é um conceito comportamental moderno. Em vez disso, a lei focava no que pode ser chamado de componentes mais tangíveis e importantes da cultura: o costume (*al-urf*) e o uso (*al-ada*), que todas as escolas de jurisprudência reconheceram como essenciais para a aplicação adequada das leis, embora com diferentes definições e graus de autoridade.<sup>10</sup> No direito islâmico, *al-urf* e *al-ada* incluem os aspectos da cultura local que são geralmente considerados bons, benéficos ou apenas inofensivos. Em nenhuma das escolas, o respeito às culturas significou uma aceitação total.<sup>11</sup>

A cultura local devia ser avaliada de acordo com as regras transcendentais da lei islâmica, envolvendo uma rejeição das práticas detestáveis, como o antigo costume mediterrâneo dos "crimes de honra" - que agora voltaram a acontecer no contexto da crise cultural contemporânea - ou, no outro extremo, a promiscuidade sexual tão predominante na cultura moderna.

Uma das cinco máximas universais da lei islâmica proclamava: "Os usos culturais terão o peso da lei".<sup>12</sup> Rejeitar um costume e um uso bons não era apenas contraproducente, mas também acarretava problemas excessivos e ocasionava danos não justificados ao povo. Outro princípio bem conhecido do direito islâmico enfatizou este fato e afirmou o

princípio: "Os costumes culturais são a segunda natureza", o que implica uma grande dificuldade para o povo agir contra os costumes estabelecidos, pois seria como desafiar seus instintos naturais. Portanto, a aplicação sábia da lei exigia uma ampla adaptação às normas do lugar, que só deveriam ser modificadas ou bloqueadas quando absolutamente necessário. Respeitar as regras do lugar significa encontrar soluções intermediárias e leva necessariamente a amplas semelhanças culturais. Neste sentido, o direito islâmico distinguia entre a imitação submissa dos demais (*tashabbuh*), o que reflete um senso problemático da própria identidade e geralmente era considerada proibida ou censurável, e a simples ocorrência de semelhança exterior (*mushhabaha*), que era exigida, recomendável, ou apenas neutra conforme o caso.<sup>13</sup>

Abd al-Wahhab al-Baghdadi, um juiz de renome e autoridade jurídica importante do século XI, afirmou: "A rejeição dos costumes culturais não faz sentido. Seguir os costumes bons é uma obrigação." Al-Sarakhsi, jurista famoso da mesma época, enfatizou: "Aquilo que é estabelecido por bons costumes, também é igualmente estabelecido pela prova jurídica sólida", significando assim que a lei islâmica reconhecia implicitamente todos os bons aspectos da cultura local. O famoso jurista do século XIV de Granada, al-Shatibi - sem dúvida, uma das mentes mais brilhantes da história jurídica do Islam - advertiu que a incompetência jurídica não poderia impor uma pena mais severa para uma pessoa do que exigir a renegação de seus costumes e práticas

tradicionais. Ele insistiu que a arte de ditar julgamentos em harmonia com os aspectos positivos da cultura local satisfazia o objetivo jurídico fundamental do Islam de garantir o bem-estar geral da sociedade. No mesmo espírito, uma autoridade jurídica posterior, al-Tusuli afirmou: "É obrigatório permitir que as pessoas mantenham seus costumes, tradições e aspirações gerais na vida. Promulgar leis que se oponham a isso seria um desvio sério e uma tirania."

Os tempos mudam e as culturas viáveis se adaptam. Era um consenso entre os pensadores jurídicos islâmicos que as decisões judiciais dos primeiros tempos deviam estar sujeitas a uma constante revisão para garantir que se mantivessem em linha com as épocas. Um aforismo jurídico declarava: "Que ninguém se oponha à mudança de regras com a mudança dos tempos." Da mesma forma, esse consenso legal islâmico renunciava à aplicação sistemática da lei pela repetição irrefletida dos textos normativos. O jurista sírio ilustre do século XIX, Ibn Abidin, advertiu que qualquer jurista que se apegava cegamente às decisões jurídicas de sua escola, sem levar em conta a mudança dos tempos e das circunstâncias, estaria destruindo direitos fundamentais e benefícios abrangentes, causando danos que excediam em muito o bem que poderiam realizar. Ibn Abidin afirmou também que tal cegueira constituía um ato de opressão e uma grande injustiça. Al-Qarafi, um jurista de renome do século XIII, também disse:

Aqueles que ditam sentenças cegamente agarrando-se aos textos que aparecem nos



livros, sem levar em conta a realidade cultural de seu povo, incorrem em um enorme erro. Atuam em contradição com o consenso legal estabelecido e cometem iniquidade e desobediência a Deus, e não têm desculpa apesar de sua ignorância; assumiram a arte de ditar normas legais sem serem dignos dessa profissão... Sua adesão cega ao que está escrito em compêndios legais é contrária ao Islam e demonstra uma grande ignorância dos objetivos essenciais das normas criadas pelos antigos especialistas e grandes personalidades do passado que alegam querer imitar.

Estas palavras foram bem recebidas um século depois ao chegar aos ouvidos de Ibn Qayyim, um jurista e perito legal importante, que elogiou al-Qarafi ao afirmar o seguinte:

Este é um entendimento puro da lei. Quem dita normas legais para as pessoas simplesmente com base no que foi transmitido pelos compêndios, independentemente das diferenças de costumes, tradições, épocas, lugares, condições e circunstâncias especiais de cada situação, se desvia e faz com que os demais se desviem. Seu crime contra a religião é ainda maior do que o de um médico que prescreve a seus pacientes medicamentos de acordo simplesmente com o que está escrito em um livro de medicina sobre pacientes com anatomias similares, independentemente das diferenças climáticas, normativas, das épocas em que vivem e de suas condições físicas. É um médico ignorante, mas o outro é um jurista ignorante, causando prejuízo muito maior.<sup>14</sup>

### *Reflexões sobre a História Cultural Islâmica*

A unidade dentro da diversidade cultural foi a marca das sociedades islâmicas tradicionais. Por exemplo, Ibn Batuta, um famoso viajante marroquino do século XIV, visitou mais de o dobro de territórios europeus que seu contemporâneo Marco Polo, o

qual, em sua famosa expedição se encontrou em um mundo completamente diferente a apenas alguns dias de viagem de sua Veneza natal. Ibn Batuta, ao contrário, praticamente nunca deixou a área cultural islâmica que conhecia. Mesmo quando suas viagens o levaram para o coração da China, as ilhas do Oceano Índico ou a África subsaariana, quase sempre ele se sentiu em casa. Apesar da diversidade dos habitantes locais, as sociedades muçulmanas que ele viu ali refletiam seus próprios instintos culturais do Islam ao equilibrar a diversidade regional dentro da estrutura básica da unidade transcendental da lei revelada.

No plano material, a arquitetura islâmica exemplifica este espírito de unidade na diversidade. A mesquita do Profeta era modesta, rústica, sem cúpula e minarete - ambos foram adicionados mais tarde -, mas ela expressava as ideias e propósitos básicos de um espírito tão elegantemente expressos nas mesquitas de civilizações islâmicas posteriores. As grandes mesquitas de todas as regiões do Islam foram capazes de transformar a funcionalidade em beleza de uma maneira adequada aos seus ambientes físicos e contextos culturais. Elas deram plenitude à pedra, à madeira e a outros itens, usando motivos recorrentes de tradições locais e transformando-os em manifestações da luz divina e em recintos sagrados facilmente reconhecíveis. As mesquitas andaluzes e do norte da África combinaram de forma magistral elementos das basílicas romanas com elementos visigodos, tais como o arco

de ferradura. Os otomanos adotaram as altas estruturas abobadadas e austeras das primeiras igrejas gregas com os minaretes esguios como obeliscos, com base em temas anatólicos. Na China, as mesquitas incorporaram de maneira brilhante o antigo simbolismo chinês do sagrado, enquanto que as mesquitas da África Oriental e Ocidental capturaram um espírito distintamente africano graças ao uso de materiais locais. Da mesma forma, o Taj Mahal, um mausoléu em forma de mesquita, fundiu de forma impecável elementos indianos e persas para se tornar uma das principais manifestações culturais da Índia muçulmana, expressando de forma eficiente o ethos subcontinental que se tornaria o símbolo da Índia em todo o mundo.

O exemplo da antiga cultura islâmica dos muçulmanos étnicos da China (os Hui) é especialmente revelador para nós nos Estados Unidos hoje, já que floresceu dentro dos limites do brilhantismo de uma civilização não-muçulmana. A cultura islâmica chinesa deu poder psicológico aos Hui, permitindo-lhes manter uma ideia unitária de si mesmos, adquirir um controle interpretativo de sua fé e criar uma verdadeira definição islâmica própria, que era autenticamente muçulmana, mas, ao mesmo tempo, aberta ao espírito chinês que os rodeava. A cultura islâmica chinesa não se desenvolveu por acaso, mas, pelo contrário, tinha o apoio das mentes muçulmanas chinesas mais criativas. As tradições da China antiga foram levadas em conta na hora de definir os muçulmanos e articular o Islam de uma forma inteligível e respeitável para

aqueles ao seu redor.

A civilização chinesa cultivou a caligrafia, e os muçulmanos chineses se preocuparam em preservar esse legado, enquanto desenvolveram seu próprio estilo caligráfico árabe com pincéis de talo de junco, muitas vezes usando a mesma inscrição em chinês para traduzir ao árabe. Na entrada de uma mesquita chinesa, por exemplo, encontramos uma inscrição com os ideogramas *kai tian gu jiao* (a religião primordial desde o início do mundo).

Em vez de nomear sua fé como *yisilan jiao* (a religião do Islam) - que é um som estranho e uma construção sem sentido para os falantes dessa língua -, a cultura islâmica chinesa preferiu chamar o Islam de uma maneira que era inteligível e intrigante para os outros habitantes daquela região: *qing zhen jiao* (a religião do puro e do real). Estas palavras implicavam que o Islam não era alheio ao legado de seu povo, mas pertencia ao ethos da antiga China, representando o melhor de suas tradições religiosas e filosóficas. *Qing* (puro) implicava que o Islam era lúcido e puro, baseado na pureza exterior e na purificação interior, na autodisciplina, e na eliminação de desejos e ilusões egoístas. *Zhen* (real) manifestava que os ensinamentos islâmicos expressavam verdades eternas e imutáveis - assuntos universais que tinham preocupado a tradição chinesa há milênios, e também que os muçulmanos cultivavam a própria natureza do ser e procuravam viver de acordo com essas verdades da forma mais genuína e sincera possível.

Diferentemente da China, os muçulmanos na costa leste da África

não encontraram uma antiga civilização de longa tradição literária, mas tribos e pessoas vinculadas à beleza de sua língua nativa Bantu, que os muçulmanos da África Oriental adotaram como própria e usaram como um poderoso veículo cultural do Islam com a criação do suaíli (al-sawahiliyya: "a linguagem das zonas costeiras"). Durante séculos, os muçulmanos que falantes de suaíli produziram uma literatura volumosa e impressionante, considerada uma das mais ricas do mundo, que ainda não foi totalmente catalogada.

Como outros, os muçulmanos falantes de suaíli tinham orgulho do árabe clássico, o cultivaram plenamente e lhe concederam a devida importância, especialmente em relação ao ensino e a recitação do Alcorão. Mas também empregaram com cuidado o suaíli para o conhecimento religioso e outros fins culturais, criando assim uma intelectualidade suaíli em toda a faixa costeira, que atraiu a atenção de Ibn Batuta durante a sua visita. Ser muçulmano na África Oriental significava dominar o idioma suaíli, assimilar a cultura muçulmana suaíli e aprofundar-se na "sabedoria Suaíli" (Usuaíli). A fluência na língua suaíli - especialmente a um nível literário - tornou-se essencial para a plena integração social e a quintessência de uma pessoa "civilizada". Os muçulmanos vindos do exterior que não dominavam o suaíli - como Ibn Batuta - eram recebidos como convidados de honra, mas não eram *wenyejī* ("os que pertencem"), embora pudessem ganhar essa distinção rapidamente se viessem a dominar o

idioma Bantu. A sabedoria suaíli aglutinava certos modos de comportamento dentro da identidade muçulmana local, especialmente em relação à dignidade pessoal, que se expressava pela cortesia e bom comportamento. A sabedoria suaíli envolvia qualidades como paciência, gentileza e compreensão. A impaciência, a facilidade de ficar com raiva e a ganância - qualidades que os muçulmanos suaílies logo detectaram nos navegadores portugueses durante as suas primeiras incursões coloniais no século XVI - eram consideradas infantis, "primitivas" e "não-suaílies"; toleráveis em crianças, mas detestáveis em adultos.

O uso inteligente da língua nativa tem sido um aspecto da cultura islâmica onde quer que florescesse. Encontramos um processo semelhante na África Ocidental, onde a cultura islâmica foi estabelecida, em seus estágios iniciais, em torno do povo comercial dos Mandinga (Mande-Dyula), uma comunidade em grande parte agrária e com uma cultura resiliente. Como os muçulmanos da faixa suaíli, os da África ocidental cultivaram o árabe clássico, mas fizeram uso das ricas línguas regionais como o mandigo, o fula e o hausa, transformando-as em poderosas armas socioculturais.

Os muçulmanos de língua Hausa cultivaram sua língua em todos os níveis, do folclore e músicas populares a poesia elegante e a linguagem acadêmica refinada. Nossos contos tradicionais do coelho e da raposa, depois de terem sobrevivido milagrosamente a grande travessia do

comércio transatlântico de escravos, nos evocam as histórias de animais típicos do folclore da África ocidental. Estas histórias populares eram muito antigas, por vezes, remontando ao período Neolítico, milhares de anos antes de Cristo. Por isso, incluíam mitos e cosmologias inspirados por valores e crenças animistas. Em vez de rejeitar essas histórias, os muçulmanos as readaptaram e tomaram como modelo para *Auta* ("o bebê da família"), um personagem que, como o *Rei Leão*, muitas vezes é objeto de inveja, mas, no final se impõe aos seus inimigos graças à sua bondade, coragem e boa sorte. Este "bebê da família" foi transformado em um herói cultural islâmico que representava um modelo, um paradigma das normas islâmicas, e ajudou a promover a construção de uma visão integrada da cultura islâmica nativa na África Ocidental. Histórias populares e poemas didáticos tão simples como "The Song of Old Red Iron Legs" (*A Canção das Velhas Pernas de Ferro*, em tradução livre) descreviam vividamente as realidades teológicas da Ressurreição, do Juízo Final, do Inferno e do Jardim do Paraíso. Os falantes de hausa utilizaram outros gêneros poéticos para cantar seus louvores ao Profeta Muhammad. Um estilo hausa lúcido foi usado para textos legais específicos, que eram estudados em conjunto com os compêndios padrão em árabe e continham as respostas às perguntas fundamentais da cultura da África Ocidental que não apareciam nos textos em árabe. Ao mesmo tempo, se desenvolveu um hausa mais refinado

para explicar os conceitos refinados da teologia islâmica e do misticismo teofísico.

### *Para uma Cultura Muçulmana e Americana viável*

Como na faixa suaíli da África e no resto do mundo muçulmano, o Islam nos Estados Unidos deve tornar-se *wenyejī*, ou seja, "algo que pertence". Deve ser nativo, não no sentido de uma perda de identidade em favor da assimilação total, ou de ser propriedade exclusiva dos nativos, mas no sentido original da palavra, ou seja, ser natural, concebido e desenvolvido a partir de dentro. Sem levar em conta o local de nascimento, os muçulmanos americanos se tornam nativos uma vez que verdadeiramente "pertencem". O Islam nos Estados Unidos se tornará nativo somente se for capaz de criar uma identidade cultural integrada confortável consigo mesma e que funcione naturalmente no mundo que o rodeia.

Não se pode deixar que uma cultura islâmica próspera se construa sem ordem e nem direção, ou de forma inconsciente. O processo requer uma profunda compreensão do Islam, da história, das ciências humanas e sociais, e deve ser baseado no conhecimento de como se formam tradições culturais viáveis. É necessário contar com os homens e mulheres com mais talento e recursos de nossa comunidade e liberar nossa imaginação cultural islâmica. Construir uma forte cultura islâmica nos Estados Unidos requer que se considere o que já está estabelecido, em particular as iniciativas comunitárias que têm sido

bem sucedidas. Devemos identificar os caminhos mais promissores e corrigir os erros. Redirecionar a subcultura das mesquitas é o maior desafio, pois já se tornou algo "natural" para uma minoria que se faz ouvir e é muito difícil de reorientar, embora mantenha alienada uma grande parte da comunidade.

Devemos ser produtores de cultura, não consumidores passivos dela. Uma cultura muçulmana próspera nos Estados Unidos deve oferecer espaço psicológico para todos os membros desta comunidade altamente heterogênea, adotando desde o início uma perspectiva cosmopolita, como um leque em nível nacional capaz de refletir nossa rica diversidade interna. O mesmo modelo não se encaixa em todos os casos. Em termos culturais, o que se considera adequado nos subúrbios, pode não o ser no centro da cidade. O que se encaixa na identidade afro-americana ou asiático-americana nem sempre se adequa aos outros. Mas para incluir a todos e promover um verdadeiro sentimento de continuidade e comunidade entre nós, a nossa cultura deve levar em conta os valores universais e transcendentais do Islam, ao mesmo tempo em que constrói uma matriz ampla de âmbito nacional que está em conformidade com todos como uma chave mestra, seja qual for o seu grupo étnico ou a classe social. Esta vasta paleta cultural deve deixar espaço amplo para cada entidade individual desenvolver a sua própria autoimagem e expressão cultural genuína. Deve facilitar uma diversidade dinâmica interna e promover a compreensão mútua entre os diferentes grupos, diálogo intercultural e cooperação

inter-religiosa com toda a sociedade norte-americana. Ao fazer uso dos vastos recursos oferecidos pelo legado cultural americano, devemos prestar atenção especial à rica e muitas vezes esquecida herança indígena e hispânica, além das heranças afro-americana e anglo-americana.

Uma cultura islâmica próspera nos Estados Unidos deve construir mesquitas que, como aquelas no mundo islâmico tradicional, expressam completamente a ideia universal da mesquita de acordo com as normas transcendentais do Islam, enquanto que, ao mesmo tempo, criam um espaço sagrado em harmonia com o espírito nativo e um sentido estético normativo. Devemos estabelecer clínicas e hospitais especiais seguindo a melhor tradição médica da civilização islâmica, juntamente com outras instituições que atendam às necessidades da comunidade e se estendam a toda a sociedade americana por meio de serviços sociais e cívicos. Oferecer aconselhamento é um aspecto fundamental da tradição islâmica, e devemos nos tornar participantes ativos na busca por soluções para os problemas endêmicos da sociedade moderna, como a dependência de drogas, distúrbios psicológicos, violência doméstica, entre outros. Devemos desenvolver uma cultura sofisticada que inclui a ação política direta, especialmente a partir das bases e indo até os níveis mais elevados. Nossas instituições educacionais, cada vez mais numerosas, devem contribuir para a criação de uma expressão cultural sólida, projetada para atender todas as nossas necessidades

educacionais. Devemos ir além da abordagem míope das carreiras profissionais - geralmente científicas e médicas - para garantir a produção de estudiosos do Islam genuínos e líderes religiosos qualificados.

A tradição jurídica do Islam não deve ser vista como um programa de proibições e restrições exaustivas, mas ser relevante para os imperativos diários com vista à promoção de uma identidade positiva e uma integração dinâmica na sociedade americana. Não podemos permanecer fiéis à lei sagrada se não pudermos ver a floresta para as árvores. Ao mesmo tempo em que cultivamos conhecimento avançado da língua árabe, devemos - como fizeram outras culturas muçulmanas não-árabes antes de nós - usar a nossa língua nativa e torná-la o principal veículo de nossa cultura. Devemos continuar a desenvolver o nosso humor e várias expressões musicais e literárias; mas também cultivar o cinema - especialmente o de ficção histórica -, o teatro e as artes, incluindo design de interiores e design de moda. Muitos muçulmanos americanos já se tornaram bem conhecidos no mundo dos esportes e devem continuar a prover modelos para nós e para o resto da sociedade. Toda a amplitude de nossa religião, história e tradição intelectual devem estar acessíveis através de traduções de qualidade com seus comentários e outros estudos pesquisados rigorosamente. Os muçulmanos americanos já contribuem para a vida acadêmica do país, que deve continuar em todas as áreas, mas especialmente em estudos islâmicos, antropologia, sociologia, psicologia, ciências

humanas e outras disciplinas que fornecem os meios para o desenvolvimento criativo de uma cultura nativa.

O desenvolvimento cultural deve ser intencional e proativo, com foco em objetivos claros e legítimos que estejam acompanhados por uma visão específica de como alcançá-los. Somos inundados pela linguagem, símbolos, ideias e tecnologia, e nenhum deles é neutro. Devemos definir a nossa posição em relação a eles, e adotar uma respostas intelectuais e comportamentais adequadas, se quisermos ser vencedores e não vítimas. Acima da construção de mais mesquitas e instituições, o nosso principal objetivo deve ser a constituição de um indivíduo íntegro, agradável e confiante, educado sobre o Islam e a cultura, e não apenas capaz de ser pouco mais do que um cidadão produtivo e um bom contribuinte, mas também um líder da vanguarda cultural nos Estados Unidos. A cultura é um comportamento integrado e uma cultura islâmica que procura ser viável nos Estados Unidos deve produzir modelos abrangentes de pensamento e de comportamento que permitam a criação de um todo cultural unificado, capaz de lidar livremente com a modernidade e a tradição, e se movimentar de maneira eficaz entre as complexidades da sociedade atual. Uma cultura próspera "dá uma mão" aos seus membros transmitindo habilidades sociais e uma forte capacidade de resposta a novas situações. (Uma pessoa que cresce em uma cultura que valoriza a generosidade, por exemplo, saberá perfeitamente como receber

convidados, mesmo os que chegam de madrugada). Para nos permitir superar os problemas diários e todos os assuntos relacionados com a nossa identidade, uma cultura muçulmana próspera nos Estados Unidos geraria um espaço psicológico generoso, nos libertando para concentrarmos nas preocupações mais importantes de nossa existência e do desenvolvimento civilizado.

A cultura nos permite ter certeza de quem, onde e o que somos. Os muçulmanos americanos que estão seguros de si mesmos já deram o primeiro passo para se tornar modelos de comportamento para seus filhos e os demais, e irradiam um senso de direção e credibilidade. As identidades que se consolidam sobre uma profunda contradição cultural são facilmente jogadas em um estado de confusão e dúvida. A verdadeira religiosidade e a espiritualidade profunda exigem consistência e estabilidade interiores, que só são possíveis se estiverem inseridas em uma forte ligação cultural. Quando os adultos estão confusos sobre si mesmos e vivem estilos de vida contraditórios (uma pessoa no trabalho e outra completamente diferente em casa), têm pouco a transmitir aos seus filhos, que provavelmente estarão ainda mais confusos, o que é uma situação muito perigosa na cultura da juventude de hoje.

Acima da formação de uma identidade, uma cultura islâmica próspera nos Estados Unidos serviria de base para o desenvolvimento social e a autodeterminação da comunidade. Mas isso requer não só assumir um controle interpretativo de nossa

religião, de nós mesmos e de nossa comunidade, mas também desenvolver uma psicologia social saudável que fornece autoridade sem autoritarismo, continuidade e tradição sem conformidade cega. Uma psicologia social muçulmana americana bem-sucedida deve ser o núcleo da nossa cultura, como acontece com os grupos sociais mais prósperos ao nosso redor. A nossa própria psicologia social deve permitir uma participação ativa e dinâmica tanto de homens como de mulheres em igualdade de condições. Deve ser realmente transparente, identificar os problemas de maneira honesta, facilitar o diálogo e buscar soluções reais baseando-se no respeito mútuo, na cooperação e no pensamento coletivo, saudavelmente enraizada no passado, mas com uma visão inteligente do futuro.

### *Conclusão*

Muitos em nossa comunidade hoje olham para a cultura com receio, mas têm apenas uma vaga noção do que realmente é a cultura e o papel fundamental que desempenha na existência do ser humano. Para eles, "cultura" é uma palavra cheia de conotações negativas; algo perigoso, inerentemente problemático e "não-islâmico" (um neologismo islamista profundamente contraditório). Concebem cultura como uma substância tóxica que deve necessariamente ser purificada, porque em suas mentes Islam e cultura são mutuamente excludentes. Alguns até acreditam ingenuamente e sem qualquer perspectiva histórica, que o patrimônio cultural islâmico, como o

Taj Mahal, por exemplo, foi uma das principais causas do declínio e queda do Islam. Sua forma de pensar é o reflexo do mal-estar geral da era moderna e da desintegração das culturas islâmicas tradicionais, deixando em seu rastro uma alienação existencial crônica e uma disfunção cultural. Tal fobia cultural é inadmissível à luz da jurisprudência islâmica clássica e é a antítese de mais de um milênio de culturas islâmicas nativas prósperas e de uma civilização universal.

Devemos insistir na sabedoria tradicional da lei islâmica e desconstruir a paranoia contracultural entre nós. Se não controlarmos e reorientarmos a religião de identidade contracultural que está se desenvolvendo inconscientemente em torno de muitas das nossas mesquitas, escolas, casas e câmpus universitários, ela comprometerá a ascensão do Islam nos Estados Unidos. Quanto àqueles que estão imersos neste paradigma contracultural, explicar a jurisprudência islâmica tolerante em relação a cultura e falar sobre a criação de uma cultura islâmica nos Estados Unidos, geralmente desperta uma profunda ansiedade, medos subconscientes e dúvidas implacáveis. A convicção de que a lei islâmica estabelece parâmetros para que se possa produzir um desenvolvimento cultural nativo raramente dissipa estes receios, porque não estão enraizados na racionalidade, mas em um substrato do subconsciente que foi treinado - às vezes desde a infância - em noções erradas e em falsos valores universais de uma ideologia estrangeira.

Criar uma identidade muçulmana própria nos Estados Unidos é uma tarefa árdua e complicada, que requer integridade pessoal e um profundo conhecimento e compreensão. Mas a tarefa não pode ser ignorada sem grandes riscos e os perigos de um fracasso são extremamente devastadores. O fracasso ao criar uma cultura islâmica próspera nos Estados Unidos não só ameaça a nossa existência futura, mas também constitui uma traição indesculpável à confiança divina e a perda de uma oportunidade histórica única de fazer o Islam funcionar nos Estados Unidos. Nossa lei sagrada exige que assumamos esta tarefa. O trabalho que temos pela frente é uma questão de *ijtihad* verdadeiro, compromisso moral e criatividade dinâmica. No espírito dos grandes juristas do passado, qualquer falha de nossa parte seria uma "injustiça e desobediência a Deus," exceto que, no nosso caso, o "grande erro" que cometemos não pertence a uma disposição jurídica isolada ou a casos muito particulares, mas ao declínio de toda uma comunidade. Há um dito mandinga que proclama: "O mundo é antigo, mas o futuro brota do passado." Precisamos engendrar uma cultura islâmica americana que nos dê a liberdade de ser nós mesmos. E para sermos nós mesmos, devemos ter um senso adequado de continuidade com o que existiu no passado, o que existe, e o que provavelmente continuará a existir. Apenas no contexto de uma presença cultural viável podemos confiar em um futuro islâmico brilhante nos Estados Unidos que brote da riqueza de nosso passado.



## NOTAS

1. O termo "islamista" não deve ser confundido com "islâmico" ou "extremista". Uso-o para me referir a vários movimentos revivalistas do século XX altamente politizados com interpretações essencialistas do Islam, que geralmente defendem os fins de um partido ou estado como a principal ou única abordagem possível do Islam. Os islamistas tendem ao literalismo, mas escolhem seletivamente os textos que seguem, geralmente contradizendo interpretações consolidadas dentro da erudição tradicional islâmica. Com uma visão predatória da tradição islâmica e da cultura humanística moderna, sua atitude geral em relação à cultura implica o erro grave de considerar a tecnologia moderna como "culturalmente" neutra, sem parar para pensar sobre seus fundamentos sociológicos, especialmente as implicações das habilidades, das suposições e das expectativas necessárias para desenvolvê-la.
2. O desenvolvimento de "subculturas" dentro da cultura de matriz maior é natural e, de fato, a cultura dominante muitas vezes produz subculturas que são perfeitamente viáveis. Para certos indivíduos e grupos, uma identidade cultural consolidada só será possível pelo pertencimento a uma subcultura adequada ou que está associada com um grupo de subculturas dentro da dominante. Em função da diversidade da nossa comunidade, o panorama geral de uma cultura islâmica funcional nos Estados Unidos requer uma boa coordenação entre uma matriz cultural dominante e uma variedade de subculturas claramente definidas.
3. É provável que o termo "contracultura" nos remeta à contracultura dos anos 1960 nos Estados Unidos. No entanto, a "contracultura" que tenho em mente é mais parecida com a do *hidalgo* (literalmente "filho de algo") - cavalheiro da baixa nobreza castelhana -, que desempenhou um papel importante não só no extermínio de judeus e muçulmanos na Península Ibérica, e dos nativos americanos do Novo Mundo, mas também no desenvolvimento do nacionalismo e do racismo do Ocidente. A identidade do cavalheiro se baseava na negação do Outro, especialmente o Outro judeu ou muçulmano na Espanha muçulmana e em Portugal. O *hidalgo* se definia não em termos do que *era*, mas em termos do que *não era*. Um *hidalgo* era intrinsecamente nobre porque não era muçulmano e nem judeu e, além disso, detestava as ocupações e ofícios relacionados a eles. A contracultura dos anos 1960 nos Estados Unidos era positiva no sentido de que afirmava a humanidade do Outro, como negros, nativos americanos e vietnamitas. A "contracultura" do *hidalgo*, por outro lado, era baseada na negação da humanidade do Outro e, portanto, era culturalmente predatória e potencialmente genocida.
4. Não há um consenso geral entre os antropólogos sobre o significado de cultura. Dada a origem do termo no contexto do colonialismo ocidental, este tem tido uma história atribulada e às vezes até tem sido associado ao poder, desigualdade, dominação cultural e racismo. Tradicionalmente, o projeto antropológico foi acompanhado pela expansão colonial à custa dos povos indígenas, o que foi muito facilitado pelo estudo das culturas desses povos, que se tornou uma grande preocupação para estudiosos da matéria durante os anos 1960 e 1970. Na atualidade, os antropólogos de maior prestígio são muito cautelosos ao se referirem a cultura em termos relacionados com poder, desigualdade e questões similares.
5. A cultura por si mesma pode ser qualquer coisa e não tem um conteúdo específico. Uma cultura deve ser julgada de acordo com suas próprias características e seu sucesso é possível, dependendo do que deseja alcançar. Se, por exemplo, o nosso objetivo como muçulmanos nos Estados Unidos é ocupar um lugar na sociedade desse país com um sentido unificado de identidade, o sucesso da nossa cultura será medido de acordo com o grau de concretização desse propósito.
6. Devo expressar aqui os meus agradecimentos para meus antigos colegas e professores Shaykh Abdallah ben Bayyah e Dr. Khaldoun al-Ahdab; a maioria das referências clássicas tomei de meu amigo, colega e antigo aluno Dr. Adil Abd al-Qadir Quta, Al-Urf, 2 vols, (Meca: al-Maktaba al-Makkiyya, 1997). A maioria das citações posteriores pode ser encontrada em suas fontes originais consultando as seguintes referências em Quta: 1:58-77, 129, 138-141, 180-181, 208-211. Eu também gostaria de expressar minha dívida intelectual e profunda gratidão aos doutores Sherman Jackson, Timothy Winter, Ingrid Mattson e Sulayman Nyang, entre outros, pelas melhores ideias e expressões neste trabalho.
7. Alcorão 7: 199. Tradução do Dr. Helmi Nasr. O prof. Samir Hayek traduz o versículo: "Conserva-te indulgente, encomenda o bem e foge dos insipientes".
8. Esta história aparece em *Bukhari e Muslim*, as fontes mais fidedignas sobre a tradição profética; a referência final é tomada a partir de *Musnad al-Humaydi*.
9. Transmitido em *Muslim*.
10. As escolas Hanafi e Maliki, de cujos juristas tomamos a maioria das citações, deram uma grande importância

à cultura. De acordo com a escola Maliki, podemos aceitar a autoridade de normas culturais para especificar ou restringir as disposições legais gerais contrárias com base na preferência jurídica (*istihsan*). Nas terras islâmicas orientais durante o período clássico, um homem que aparecia em público com a cabeça descoberta mostrava uma falta de virtude e geralmente sua declaração perante o juiz era rejeitada. No entanto, a norma cultural na zona ocidental (Andaluzia) era que os homens aparecessem em público com a cabeça descoberta. De acordo com esse costume, a lei Maliki na Península Ibérica não considerava aparecer em público com a cabeça descoberta como uma violação da integridade pessoal.

11. Uma aceitação cega de normas culturais não só é contrária à lei islâmica, mas também se opõe à criação cultural na qual devemos nos engajar. Tanto na lei islâmica quanto na antropologia moderna, não é possível a aceitação de novos modos culturais sem fazer uma análise crítica das mesmas, com base na nossa concepção de cultura e nos objetivos que queremos alcançar por meio dela.
12. As cinco máximas (*al-qawaid al-kulliyat al-khams*) foram o resultado de um consenso entre todas as escolas, e são as seguintes:
  - "As questões são julgadas pelos seus objetivos" (*al-umur bi-maqasidiha*).
  - "A certeza não pode ser eliminada pela dúvida" (*al-yaqin la yazul bi-l-shakk*), geralmente invocada como referência especial a princípios islâmicos, tais como algo é considerado como permitido a menos que se prove o contrário, que se supõe a inocência até que a culpa seja provada, etc.
  - "A dificuldade levará ao alívio" (*al-mashaqqa tajlib al-taysir*), significando que a lei não poderá exigir de maneira válida qualquer coisa que as pessoas sejam incapazes de realizar sem dificuldade excessiva.
  - "O dano será removido" (*al-darar yuzal*), que invalida as regras que levam a danos, mesmo que sejam tecnicamente legítimas.
  - "Os usos culturais têm força de lei" (*al-ada muhakkama*). Esta máxima é também lida como "al-ada muhkama", ou seja, "os usos culturais são definitivos", o que implica que o costume tem autoridade semelhante aos preceitos textuais fundamentais da lei.
13. As injunções relativas a diferenciação de judeus e cristãos se incluíam nesta categoria e se enquadravam em um contexto histórico particular. Já se fez referência à opinião de Ibn al-Mawaq. Como prova baseada em premissas de que é inútil que os

muçulmanos tentem uma aproximação com os judeus e os cristãos, muitas vezes ouvimos muçulmanos hoje citando o seguinte versículo do Alcorão: "Nem os judeus, nem os cristãos, jamais estão satisfeitos contigo, a menos que abracem os seus credos." (Alcorão 2: 120). O versículo foi dirigido ao Profeta pessoalmente no período de formação da revelação e faz referência aos sentimentos das comunidades árabes de judeus e cristãos em relação a ele e a sua insistência de que ele os seguisse e não fundasse uma nova dispensação universal. Fazer generalizações sobre este versículo para excluir todas as relações positivas entre as fés abraâmicas em todos os contextos possíveis é errado e desmente relações harmoniosas que normalmente existiram entre as três religiões na civilização islâmica.

14. Estas duas citações são de Adil Quta, *al-Urf*, 1: 64-65.

